

UMA ANÁLISE SIMBÓLICA DA HOMOAFETIVIDADE NA OBRA “CONTROLE” DE NATÁLIA POLESSO

Zilda Dourado Pinheiro^{1*} (PO - zilda.pinheiro@ueg.br), Victória Maria Lira Rocha¹ (IC)

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: Este trabalho analisa dois símbolos relacionados ao tema da homoafetividade no romance “Controle” da escritora Natália Polessa. Esse estudo tem como arcabouço teórico a Antropologia do imaginário de Gilbert Durand (2012), teoria que estuda as motivações simbólicas dos seres humanos manifestadas pela linguagem nas obras culturais. Desse modo, o símbolo é definido como uma imagem, que se manifesta na linguagem verbal por meio das metáforas, trazendo um sentido figurativo e arquetípico. A combinação dos símbolos em uma narrativa permite o reconhecimento de uma narrativa mítica fundadora dos sentidos da obra. Em razão disso, Durand (2012) criou uma metodologia de estudo dos mitos denominada de Mitodologia, dividida em dois procedimentos: a mitocrítica, que estuda o mito diretivo de uma obra; e a mitanálise, que estuda o mito diretivo de uma sociedade em um período de sua história. De acordo com Durand (2012), a análise dos símbolos em uma narrativa inicia-se pelo levantamento dos substantivos e dos adjetivos, sobretudo os que materializam um sentido metafórico oculto. Assim, tem-se as metáforas e os símbolos, cuja combinação permite a aparição dos mitemas, o que delinea uma estrutura narrativa arquetipal latente ao texto, ao qual Durand (2012) chama de mito. Dentro desse contexto teórico, o presente trabalho ainda está em andamento, na fase de levantamento dos símbolos. Até então, a pesquisa detectou a predominância dos símbolos da intimidade, relacionados ao sentido do refúgio e do autoconhecimento, dentre os quais destacam-se o fone de ouvido e a música. Além disso, esses símbolos estão ligados ao tema da homoafetividade na narrativa “Controle” de Natália Polessa.

Palavras-chave: Metáfora. Romance literário. Mitodologia. Símbolo.

Introdução

Este estudo analisa os símbolos relacionados ao tema da homoafetividade no romance literário chamado “Controle” da escritora brasileira Natália Polessa. A escolha dessa obra se deu porque ela traz a homoafetividade como um dos temas norteadores da narrativa. Assim sendo, esse livro tornou-se um dos expoentes da Literatura LGBTQIA+ na contemporaneidade.

Infelizmente, essa Literatura, que tem por característica autores, temáticas e/ou personagens LGBTQIA+, por muito tempo, foi censurada e silenciada, independente do gênero literário. Entretanto, na contemporaneidade, há um engajamento maior em prol das manifestações artísticas e culturais que levantam e ecoam a voz da comunidade LGBTQIA+ e, conseqüentemente, há mais espaço para que a homoafetividade seja retratada sem a necessidade de uso de subterfúgios para driblar a censura. Através da busca por obras contemporâneas escritas por autores

LGBTQIA+, que simbolizam e retratam o amor romântico entre pessoas do mesmo sexo, fugindo da temática da luta e dos conflitos da(s) personagem (ns) serem resumidos à sexualidade, a obra *Controle* de Natalia Borges convém a ser o recorte temático ideal para esta pesquisa. Uma obra que demonstra profundidade na narrativa e possibilidade de identificação.

A narrativa é contada em primeira pessoa pela personagem Maria Fernanda, a protagonista da obra, escrita por Natalia Polesso de forma intimista e bem estruturada, nos conta a história da sua vida - ou de como deixou de viver durante a adolescência até a vida adulta. As marcações linguísticas de subjetividade da obra fazem com que o leitor consiga sentir-se próximo de Nanda e entenda suas dores, que se desencadeiam ainda na infância, a partir de um diagnóstico que a personagem teve após uma queda de bicicleta, descobrindo-se epilética. Tal condição médica faz com que toda a vida da menina - até então, vivida vorazmente - mudasse totalmente de rumo. A homoafetividade aparece nessa narrativa como uma das vivências da protagonista, enquanto ela narra a sua vida após o acidente.

Desse modo, para Durand (2012), as narrativas literárias apresentam uma conexão profunda com as narrativas míticas pela sua linguagem simbólica. Os símbolos são imagens provenientes no imaginário de cada individual e dinamizados pela faculdade da imaginação. Tal faculdade é a responsável pela criatividade do ser humano, dessa maneira, a base das criações humanas é imaginativa e simbólica. Essas imagens estão vinculadas aos arquétipos e materializam-se em símbolos nas obras culturais da sociedade, sendo que, na linguagem verbal, esses símbolos materializam-se nas metáforas. Em razão disso, os textos literários apresentam uma narrativa mítica em suas profundezas, fundadora dos sentidos da obra. Assim, ao estudar as metáforas de uma obra literária, estuda-se os seus símbolos e o modo como esses se configuram em uma narrativa mítica. Essa é a base metodológica de estudo do imaginário, na perspectiva da Antropologia do imaginário de Gilbert Durand.

Considerações Metodológicas

O imaginário é o *conjunto de imagens e de relações de imagens que constituem o homem em sua linha de pensamento* (PITTA, 2005, p. 15). Sua interferência na

cultura depende de um senso comum, para que configure uma possibilidade de representação. A imaginação é a função da mente responsável por criar significado, diz respeito à capacidade criadora, capaz de produzir algo do nada. *Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta e evasiva* (PITTA, 2005, p.15), proporcionando ao psiquismo humano novas experiências constantemente novas imagens.

De acordo com Durand (1996), o imaginário e a imaginação apresentam uma fluidez de intercâmbio de imagens entre o ser humano e o seu meio, o que permite estudar o imaginário em duas perspectivas independentes, mesmo que concomitantes entre si: a individual e a coletiva. Na perspectiva individual tem-se a estrutura do imaginário presente no psiquismo de cada pessoa, relacionada aos instintos corporais, aos arquétipos, ao símbolo até chegar na capacidade de criar narrativas, materializadas nos mitos. Na perspectiva coletiva tem-se as obras, as crenças, as filosofias configuradas por um material simbólico, relacionado ao modo como o trajeto antropológico do criador se materializa em suas produções (artes, cultura, filosofia, religião, mitologia, etc) e se conecta com a coletividade, criando um bem comum, compartilhado e atualizado ao longo do tempo. Dessa maneira, o símbolo é visto como todo signo concreto evocando, por uma relação natural, algo ausente ou impossível de ser percebido. Nada para o ser humano é insignificante, o homem tem a necessidade de dar sentido a tudo que toca e vê, e é a partir da atribuição de significado e valores para as ações humanas que se entra no plano do simbólico. Isso acontece porque no plano do imaginário, o símbolo/metáfora materializa uma imagem.

Desse modo, esse trabalho vincula-se à perspectiva coletiva de estudo do imaginário porque analisa os símbolos presentes na narrativa para descobrir o mito diretivo dessa obra. Durand (2012) desenvolveu um método de estudo dos mitos, chamado de mitodologia. A mitodologia divide-se em mitocrítica e mitanálise. A mitocrítica estuda o mito diretivo de uma obra em específico, por exemplo: obra literária, música, filmes, séries, propagandas, etc. Por extensão, a mitanálise analisa o mito diretivo de uma sociedade em determinado período histórico, presente em sua cultura, religião, filosofia, ciência, etc.

Resultados e Discussão

Esta pesquisa ainda está em andamento, por isso, até o presente momento, foram levantados os seguintes símbolos, relacionados ao tema da homoafetividade: o fone de ouvido e a música. Em conformidade com o Durand (2012), esses símbolos podem ser classificados como símbolos da intimidade, pois carregam o sentido do refúgio e da introspecção, na busca por autoconhecimento.

O fone de ouvido é um objeto muito presente na narrativa de Maria Fernanda, principalmente nos momentos de angústia, em que essa personagem coloca o fone para se isolar do mundo:

E ganhei CDs. Tantos quantos eu quis. Vi meus amigos se afastarem um pouco. Ou fui eu. Vi as coisas acontecerem na minha vida sem poder de fato tocá-las, apareciam longe e bem borradas. Dois anos. Dois anos de muito sono. Nesse tempo comprei fones grandes, eles me protegiam das coisas.(POLESSO, 2019, P.40).

O formato concavo do fone, quando acoplado à orelha, cria uma concavidade isolante do mundo exterior. De acordo com Durand (2012), a concavidade tem um sentido de continente, de esconderijo, de intimidade e de refúgio, o que cria uma associação contínua com o símbolo da caverna. Na narrativa de Nanda, o fone de ouvido simboliza essa caverna interior, onde a personagem via, durmia, esperava e se protegia da vida, como demonstra o trecho anterior.

Além do mais, a extensão do fone de ouvido na narrativa de Fernanda é a música. O ritmo, a harmonia e a melodia figurativizam-se como mais uma forma de capturar o tempo. Durand (2012) defende essa ideia, argumentando que a intensidade do ritmo, a diferença das vozes, a altura do som, permitem relacionar a música aos ritmos cíclicos da sexualidade humana. Na narrativa, a narradora-personagem se apega aos sentimentos expressos pela letra da música para entender o que sente pela sua amiga Joana, como se vê no trecho a seguir:

Virei buscando um pouco de ar. E assim ficamos *just for you I wrap my face without you I'm left alone without you I'm on my own without you I lay here in pain without you I've gone insane* senti uns dedos caminhando nas minhas costas. ¹(POLESSO, 2019, p.76)

¹ Tradução do trecho em inglês: só por você eu envolvo o meu rosto, sem você eu fico sozinho, sem você eu estou sozinho, sem você eu deito aqui sofrendo, sem você eu fiquei louca.

As músicas favoritas da Nanda são de língua inglesa, da banda New order. É interessante observar como os trechos apresentados expressam os sentimentos reais da narradora pela sua amiga. Isso mostra que, tal como se vê em nossa sociedade, os sentimentos homoafetivos se expressam de forma indireta, discreta e, como no caso da obra em análise, reprimida.

A recorrência e a combinação dos símbolos do fone de ouvido e da música na obra “Controle” de Natália Polesso fazem parte de uma jornada de fuga e de autoconhecimento por parte da narradora-personagem, a Nanda. Esses símbolos mostram o tema da homoafetividade como um processo de autoconhecimento, feito em segredo, e, por muitas vezes, de maneira solitária.

Prendi bem o walkman no passador do cinto, enfiei os fones. Guitarras e bateria. Comecei a mexer a cabeça para cima e para baixo até que a simple movement or rhyme could be the smallest of signs we'll never know what they are or care in its escapable view there's no escape so few in fear (...) A fita enrolando e “Truth”, numa voz bêbada e distante. Oh it's a strange day in such a lonely way maçaroca and the people around me maçaroca ainda and the noise that surrounds me... such a strange day morrente lentamente. Escuro. Os fones no chão e meus ouvidos desprotegidos das risadas. Escuro. Abri os olhos e ergui a cabeça e todos estavam dobrados sobre suas barrigas. (POLESSO, 2019, p. 29).²

Esse trecho demonstra como a combinação fone de ouvido e música permitem a construção de uma caverna interior, onde a protagonista pode se conectar com os seus sentimentos, totalmente protegida do mundo exterior. Somando-se aos trechos em inglês serem os que contém a expressão dos sentimentos, é possível entender um sentido de continente do continente, ou seja, um duplo esconderijo para a personagem poder ser quem ela é, sentindo o que ela sente.

Esse continente duplo da personagem Nanda pode ser compreendido também como uma representação do modo como as pessoas LGBTQIA+ vivenciam os seus processos de identificação e expressão dos seus sentimentos. Aqui é possível ver a solidão como uma forte tônica desse processo, pois a sociedade marginaliza esses sentimentos contra-hegemônicos ligados à sexualidade e à afetividade humanas. Ao mesmo tempo, a natureza nos mostra como as principais metamorfoses acontecem

² Tradução dos trechos em inglês: simples movimento ou rima, nunca saberemos o que são ou nos importamos em sua visão escapável, não há escapatória, tão pouco no medo./ É um dia tão estranho maçaroca e as pessoas ao meu redor maçaroca, e o barulho que me cerca, um dia tão estranho.

dentro de casulos, cavernas, hibernações. Portanto, os símbolos do fone de ouvido e da música também podem ser considerados como vetores para o amadurecimento da personagem, na medida em que ela, progressivamente, se descobre nas fases da adolescência e da vida adulta.

Considerações Finais

Até o presente momento, esta pesquisa encontrou esses símbolos de intimidade – fone de ouvido e música – como um dos mais recorrentes para a representação da homoafetividade no arcabouço simbólico do romance literário “Controle” de Natália Polesso. A ocorrência desses símbolos demonstra como os textos literários apresentam uma representação da complexidade da vida. Sobre isso, Candido (2011, p.188) afirma que a Literatura é capaz de *dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, elas no organiza, nos liberta do caos, portanto nos humaniza*. Essa humanização é fundamental para as pessoas LGBTQIA+.

A sociedade contemporânea ainda produz e propaga diferentes estigmas relacionados às comunidades LGBTQIA+, o que expõe essas pessoas a diferentes tipos de violência e de sofrimento, fragilizando-as em seu meio social e meio familiar. Desse modo, a Literatura, assim como a arte em geral, pode ser um lugar de acolhimento, de descoberta e de fortalecimento para enfrentar as violências e melhorar a vida das pessoas. Isso também se estende às pessoas cis hétero, pois a vivência da humanização, por meio da Literatura, pode conscientizá-las sobre a necessidade de construir o respeito e valorizar a diversidade no nosso meio social.

Agradecimentos

Nós gostaríamos de agradecer ao coordenador do curso de Letras da UEG – Câmpus Sudoeste (sede em Quirinópolis), o Prof. Me. Anderson Braga do Carmo, por todo o suporte dado para a realização das pesquisas do curso no LABEL – Laboratório de estudos da linguagem. Também gostaríamos de agradecer à comissão organizadora do XVIII SEPE – Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão pela oportunidade de compartilhar os resultados parciais da nossa pesquisa.

Referências

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. São Paulo/Rio: Duas cidades; Ouro sobre azul, 2004, p. 169 -191.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. O social e o mítico: para uma tópica sociológica. In: _____.

Campos do imaginário: Gilbert Durand. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. P. 119-143

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

POLESSO, Natália Borges. **Controle**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.